



O CONCEITO DE PECADO NA PÓS-MODERNIDADE

The Concept of Sin in the post modernity

Antonio Hugo Lima Lopes*

Carlos Alberto Bezerra**



* Graduado em Teologia e pós-graduado em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri. Mestrando em Ministério pela Carolina University.



** Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri e mestre em Teologia pela FABAPAR. Docente da Faculdade Batista do Cariri.

Recebido em: 03/09/2020

Aprovado em: 27/12/2020

RESUMO:

O objetivo geral deste artigo é analisar o conceito de pecado na pós-modernidade. Será verificado que o pecado na pós-modernidade é compreendido de algumas formas, todavia, todas essas em divergência com o sentido informado pela Bíblia. Essa pesquisa chega à conclusão de que o pecado pode ser classificado essencialmente em uma só palavra: desobediência, mas fazendo sentido unicamente quando se tem Deus por referência.

Palavras-chave: Pecado; Pós-modernidade; Conceito; Escrituras.

ABSTRACT:

The general objective of this article is to analyze the concept of sin in postmodernity. It will be seen that sin in postmodernity is understood in some ways, however, all these forms in opposition to the meaning given by the Bible. This research concludes that sin can be classified essentially into one word: disobedience, but it only makes sense when God is the reference.

Key-words: Sin; Postmodernity; Concept; Scriptures.

INTRODUÇÃO

Estudos recentes revelam a situação atual da Europa, um continente pós-cristão, envolto em profundo ceticismo e secularismo, mesmo já tendo sido considerado no passado como o continente berço da teologia. Percebe-se que a Europa necessita retornar a antiga fé da Reforma, alicerçada na Bíblia, que um dia trouxe tantos benefícios espirituais para esse continente.

Nesse período, observa-se que a autoridade da Bíblia está sendo contestada e desprezada. Nota-se que tem crescido o número de pessoas que já não acreditam que a Bíblia seja a revelação de Deus para a humanidade. Os leitores pós-modernos se opõem a esse livro que trata de assuntos sobrenaturais, logo, não se interessam por lê-lo e conhecê-lo. A ignorância diante da Bíblia faz com que as pessoas não saibam o que é pecado. Esse problema, infelizmente, está generalizado, atingindo não somente a Europa, mas o mundo todo, incluindo o Brasil. O Brasil também enfrenta dificuldades com o ceticismo e secularismo, em maior ou menor grau, sendo demonstrado por meio do desprezo para com os valores cristãos. Esse país também sofre com a ignorância diante da Palavra de Deus.

Em consequência disso, há uma crise no entendimento do conceito de pecado. Isso ocasiona uma deturpação no sentido bíblico do termo que finda por enfraquecer o seu significado, conduzindo a uma perda de sua percepção. Diante dessa crise, faz-se necessário uma reflexão e uma redescoberta sobre o que de fato é o pecado. Tais considerações conduzem ao seguinte questionamento: Qual o conceito de pecado na pós-modernidade? O questionamento visa a compreensão do pecado atualmente.

Assim, esta análise se justifica à luz de ponto vista teórico e prático. O ponto de vista teórico diz respeito à necessidade de corrigir o conceito de pecado à luz de uma hamartiologia bíblica. Concernente ao aspecto prático, menciona-se a necessidade de compreensão dos cristãos a respeito do conceito de pecado na pós-modernidade a fim de que eles possam reconhecer quão enganosas são essas novas conceituações e estejam dispostos a contrapor o engano com a verdade exposta na Bíblia sobre o que de fato é o pecado. Um segundo aspecto prático é oferecer aos cristãos universitários um preparo para lidar com a influência das Ciências Sociais e da Psicologia Secular dentro das universidades. É sabido que tanto as Ciências Sociais quanto a Psicologia Secular

visualizam o homem de uma perspectiva humanista que vai de encontro ao modo da Bíblia identificá-lo, como sendo um ser pecador e carente da glória de Deus (cf. Rm 3.23).

Com base nisso, o presente estudo tem como objetivo geral analisar o conceito de pecado na pós-modernidade. Quanto aos objetivos mais específicos dessa pesquisa, está o analisar o conceito bíblico do pecado. Ainda nos objetivos específicos, essa pesquisa visa expor como o conhecimento correto do pecado deverá ser utilizado como chave no anúncio da verdade bíblica ao público pós-moderno, uma vez que esse conceito é crucial para a compreensão das boas novas de Cristo.

A metodologia desse trabalho segue o procedimento técnico da pesquisa bibliográfica, possuindo como aporte teórico autores como: Ryrie (2004); Bauman (2011); Erickson (2015) e Platt (2016).

1 - O CONCEITO DE PECADO NA PÓS-MODERNIDADE

Em primeiro lugar, será abordado qual o conceito de pecado na pós-modernidade. Todavia, inicialmente, faz-se necessário entender o que é a pós-modernidade. Então, a partir dessa necessidade, será informado as contribuições dos teóricos Grenz (2008) e McGrath (2007) para a definição do termo.

1.1 - A definição de pós-modernidade

Ao se falar em pós-modernidade, é fundamental diferenciá-la do pós-modernismo. Grenz define bem esses termos. Ele explica que o pós-modernismo está relacionado com uma *atitude intelectual e com uma série de expressões culturais* que abordam o assunto dos ideais, princípios e valores que se encontram no centro da estrutura mental moderna. Sendo que essa atitude intelectual e expressões culturais mencionadas estão cada vez mais predominantes na sociedade contemporânea. Por outro lado, pós-modernidade, faz referência *a uma época emergente que pode ser vista nos dias atuais*, onde a perspectiva pós-moderna modela cada vez mais a atual sociedade. Grenz define a pós-modernidade como a era em que reinam as ideias, as atitudes e os valores pós-modernos. De acordo com o autor, esse é o tempo em que a cultura é moldada pelo pós-modernismo (2008, p.26-27, grifo meu).

McGrath “denuncia” que a pós-modernidade em si, representa algo vago e mal definido, e que poderia ser compreendido como sendo a perspectiva intelectual geral que surge após o colapso da modernidade. Além disso, o autor declara que há uma problemática em torno dessa terminologia, em virtude de alguns autores defenderem que a modernidade está viva e ativa; esse sendo um pensamento cada vez mais raro (2007, p. 151).

Em contrapartida, Grenz (2008) discursa a respeito do assunto e endossa o uso do termo pós-modernidade. Esse teólogo traça o perfil da pós-modernidade que é útil para ilustrar o contraste que comprova que de fato o tempo atual é um período de transição, onde fica difícil sustentar a crença de que a modernidade permanece viva e ativa¹.

1.2 - A compreensão do pecado na pós-modernidade

É certo afirmar, como base no que foi explicitado, que a pós-modernidade refletirá ideias, atitudes e valores comuns a pós-modernidade. Haverá tal influência sobre essa cultura e isso manifestar-se-á inclusive na compreensão do pecado.

Agora, visando compreender o conceito de pecado na pós-modernidade, observar-se-á as considerações de Albert Mohler sobre o mundo pós-moderno:

Em um mundo pós-moderno, todas as questões revolvem, finalmente, em torno do ego. Assim, melhoria da autoestima é tudo que permanece como alvo da maioria das abordagens educacionais e teológicas, nas quais categorias como ‘pecado’ são rejeitadas como opressivas e prejudiciais à autoestima. [...] Certo e errado são descartados como lembretes antiquados de um passado opressivo. Em nome de nossa própria ‘autenticidade’, rejeitaremos todos os padrões morais inconvenientes e substituiremos a preocupação com certo e errado por afirmação de nossos direitos. [...] Categorias como ‘perdição’ e julgamento são descartadas e, em seu lugar, são construídas noções de aceitação sem arrependimento e integridade sem redenção (MOHLER, 2011, p.131-132).

Conforme Mohler (2011), nota-se que o conceito bíblico de pecado é visualizado como sendo opressor, logo, é descartado. Mas será que em meio essa hostilidade filosófica o conceito de pecado foi erradicado? Não, de modo algum. Como será exposto,

¹ Para maiores detalhes sobre essa exposição, ver o livro do autor: GRENZ, Stanley. Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 2008.

a pós-modernidade proporcionou novos conceitos para termo pecado, sendo esses: culpa psicológica, algo da cultura e doença. É o que será explicitado a seguir.

1.2.1 - Pecado como culpa psicológica

Zygmunt Bauman informa que o pecado atualmente é entendido como culpa (2011, p.12). O sentido proposto pelo autor é de culpa psicológica, ou seja, um sentimento de culpa, sem que haja verdadeiramente uma razão real por trás dele. É óbvio que houve um processo para que isso viesse a acontecer. Tudo começou como uma confusão de termos: “Frequentemente o pecado foi sendo confundido com a culpa. Tal fenômeno criou uma visão exagerada e deturpada do pecado que acarretou, por sua vez, sua crise de sentido e perda de sua própria percepção” (MAZZOCHINI; HACKMANN, 2009, p.6). O que se vê é que essa conceituação de pecado, como culpa, vai de encontro com um ideal pós-moderno que é a liberdade de qualquer tipo de sentimento de culpa em prol do bem-estar dos indivíduos.

Nota-se que ao longo do Novo Testamento há mais de 30 palavras que transmitem algum aspecto do pecado. Dentre essas, pelo menos 24 são utilizadas pelo apóstolo Paulo. Percebe-se que o apóstolo utiliza pouco a terminologia de “culpa” em um sentido psicológico, todavia, sabe-se que muitas de suas afirmações sobre o pecado incluem a ideia de que os pecadores são culpados. Isso é um tanto óbvio, uma vez que cometer pecado é ser culpado desse pecado (MORRIS, 2008, p.968). Esse seria o pecado jurídico ou pecado real.

Como pode ser percebido, não é tão simples definir pecado como culpa, pois essa carga semântica não é tão forte quando visualizado os seus usos. Vê-se ainda que existem muitos aspectos mediante o qual o pecado pode ser percebido, citando só alguns, o pecado é fracasso, erro, iniquidade, transgressão etc., contudo, vale ressaltar que em todos os seus aspectos o pecado é orientado contra Deus (MURRAY, 2006, p.1023), mas isso será explicitado melhor na segunda parte desta pesquisa. O que se pode concluir é que definir pecado somente como culpa psicológica é fazer confusão de termos.

Observa-se que essa problematização está em não se conhecer o sentido real do conceito de pecado. Quanto a isso, podem ser alistados algumas diferenciações sobre pecado e culpa que permitirão perceber que ambas as coisas são distintas:

Embora a consciência de culpa esteja relacionada ao pecado, ela não se confunde com o mesmo. Junges aponta quatro diferenças essenciais. Uma primeira é que o reconhecimento da culpa é sempre diante de si mesmo, tendo como ponto de referência a consciência do próprio sujeito. Já o pecado tem uma dimensão objetiva, uma vez que o seu reconhecimento é diante de Deus e do outro. Uma segunda diferença aponta que a culpa é essencialmente individual, enquanto que o pecado atinge também a personalidade coletiva da humanidade. Uma terceira diferença está na compreensão de que a culpa diz respeito única e exclusivamente ao sujeito e é devida a ele; já o pecado está presente antes da ação, visto que o mal vem antes de o sujeito pecar. Uma quarta e última diferença salienta que o arrependimento em relação à culpa procura sempre reparar atos do passado, tendo uma característica retroativa; já a contrição, em relação ao pecado, olha para o futuro de onde Deus chama para a reconciliação (JUNGES *apud* MAZZOCHINI; HACKMANN, 2009, p.8).

Conforme o que foi explicitado, não se deve confundir consciência de culpa ou culpa psicológica com pecado jurídico, que é aquele cometido contra Deus. Essa diferenciação nem sempre virá tão clara na definição de pecado, como se observa em um dos dicionários mais populares do século XX, o dicionário Aurélio que emprega a seguinte definição para pecado: “1. Transgressão de preceito religioso. 2. Falta, culpa” (FERREIRA, 2010, p.572). Em momento algum, há menção sobre quem é feita essa transgressão, logo, não fica tão claro se o autor está definindo o pecado como culpa psicológica ou jurídica.

O fato é que não se deve entender o pecado como culpa psicológica, pois a Bíblia não apresenta o pecado desta forma. Por hora, faz-se necessário anunciar como a pós-modernidade compreende o pecado, e ao seu ver o pecado é reconhecido como culpa psicológica. Na segunda parte, ver-se-á melhor o sentido de pecado, como jurídico.

Contudo, o esvaziamento do real sentido do pecado e esse desprezo dos pós-modernistas com o termo pecado, que eles compreendem como culpa psicológica, reflete apenas um terço do *iceberg* da real causa de tudo isso. Para David Wells, a perda do mundo moral tem ocasionado a perda do sentido de pecado. O autor acredita que é somente em um cenário moral que o conceito de pecado pode ser compreendido. Wells aponta o enfraquecimento das autoridades religiosas como contribuintes para esse quadro que se observa (2007, p.35).

Zygmunt Bauman apresenta o cenário caótico da pós-modernidade. Ele declara que a modernidade era nitidamente marcada por uma moralidade regulamentada por uma ética. Em contrapartida, no cenário pós-moderno o que se percebe é uma ausência da ética que impossibilita a presença de uma moralidade, pelo menos como compreendida na pós-

modernidade. Ele informa que a moralidade é um produto da ética e que o fim da era da ética (que se refere a modernidade) ocasionará o fim da moralidade. Logo, pode-se dizer que a sociedade pós-moderna é diagnosticada como uma sociedade sem moralidade (2011, p.54-56).

Além deste conceito de pecado como sendo culpa psicológica, há também outra compreensão acerca do pecado, sendo reconhecido como algo cultural ou fruto da cultura.

1.2.2 Pecado como algo cultural

Essa noção pode ser percebida por inferência ao analisar a maneira de pensar da geração pós-moderna. Trata-se do fato de classificar o que é errado (ou melhor dizendo, pecado) como um reflexo cultural, somente. Voddie Baucham informa que o pós-modernismo encara a ética como sendo completamente cultural e negociável. O que é correto eticamente para uma cultura pode não ser necessariamente correto para uma outra cultura e vice-versa. A cultura é quem negocia seus padrões éticos (2007, p.57).

David Platt declara que as cosmovisões ateias oferecem uma objetividade inútil em relação ao bem e o mal, tornando-os totalmente dependente de construtos sociais. Platt informa que aquilo que uma cultura disser que é certo, será tido por certo e o que ela disser que é errado, será entendido como tal, ou seja, o certo e o errado são definidos pelos desdobramentos sociais em torno dos indivíduos (2016, p.23). De acordo com o autor, a redefinição de certo e errado, à luz das tendências culturais, é uma forma de se livrar da culpa. Contudo, não deveria ser assim, pois o certo e o errado são padrões objetivos para todas as pessoas, em todos os lugares, e em todos os tempos (2016, p.28).

Ao considerar essa perspectiva, o certo e o errado não são absolutos, mas sim termos relativos que são definidos conforme a própria cultura. Diante disso, percebe-se por inferência que o pecado, ou a transgressão das leis de Deus, podem ser classificados como parâmetros que refletem uma dada cultura religiosa, logo, se um indivíduo não se identifica com tal cultura religiosa, não há razão para ele ser visto como um pecador ou transgressor das leis divinas. O que poderia ser uma problemática para uma cultura, pode ser completamente confortável para uma outra e vice-versa.

Ainda prosseguindo na afirmativa de que o pecado pode ser compreendido como sendo cultural, Salinas informar que o homem pós-moderno é simplesmente um produto

da cultura a sua volta. A Antropologia pós-moderna interpreta os homens como sendo indivíduos socialmente determinados (2002, p.29).

O sociólogo Peter Berger afirma que a sociedade determina tanto o que o homem faz, quanto o que ele é. Ele acredita que a localização social que um indivíduo vive afeta a sua conduta e o seu ser. De acordo com Berger, a sociedade atua sobre o homem fornecendo os seus valores, a sua lógica e até o seu acervo de informações que constituem o seu conhecimento. Ele prossegue anunciando que a sociedade é a responsável por conceder forma a identidade, ao pensamento e as emoções do indivíduo (1986, *passim*).

Mediante a essa forma de pensar, Salinas anuncia que a implicação de uma interpretação semelhante a esta, culminará na negação da culpa e da responsabilidade pessoal, pois uma vez que o que o homem é, pensa, e faz etc., é aceito como um produto social, a sociedade o isentará das responsabilidades quanto às suas infrações, ao ponto de se colocar como réu em seu lugar. Neste ponto de vista, a sociedade, e não o homem, é a culpada por seus atos, quer sejam positivos ou negativos. Os homens respondem unicamente ao condicionamento que receberam pela sociedade. Nas palavras do autor, “o sujeito pós-moderno não tem identidade nem vontade individual, somente social” (SALINAS, 2002, p.29).

Considerando todas essas informações levantadas por Salinas, pode-se dizer que o pecado, ou uma atitude negativa do homem, como pode ser interpretada pelos antropólogos da na pós-modernidade, será visto como uma influência cultural imposta ao homem, sem que ele a buscasse de forma autônoma.

Depois de se conferir que o pecado pode ser reconhecido tanto como culpa psicológica, como por algo cultural, resta ainda destacar mais uma faceta pela qual o pecado é compreendido nos dias da pós-modernidade. O pecado também é entendido como uma doença.

1.2.3 - Pecado como doença

John MacArthur apresenta mais um conceito do pecado nos dias atuais, ele informa que atualmente qualquer delito que o ser humano cometa, muito provavelmente, será explicado como uma enfermidade. De acordo com o autor, os tempos mudaram. O que antigamente era denominado pecado, hoje, é mais convenientemente diagnosticado

como um conjunto de incapacidades. O autor explicita que em consequência disso, todo tipo de imoralidade e de conduta maldosa são no presente tempo identificados como algum tipo de doença psicológica. Isso faz com que comportamentos criminosos, todos os tipos de paixões impróprias, ou as variedades de vícios, sejam passíveis de desculpas se receberem tão somente o rótulo de desequilíbrio emocional. Logo, o que tais infratores precisam é de cuidados médicos, pois afinal, as suas ações já não refletem doenças espirituais, mas físicas (2002, p. 21-22).

Ainda sobre a relação de pecado com a doença, o autor Paul Hiebert oferece contribuições ao assunto, ao informar que a Idade Média, por meio de sua ênfase na salvação eterna, propiciou um caminho para o foco tanto moderno como pós-moderno na saúde terrena, onde se observa uma mudança do pecado para a doença e do arrependimento para a terapia. É dito por Hiebert que no período da pós-modernidade, o problema humano deixou de ser o pecado para se tornar a doença. Construindo esse pensamento, pode-se dizer ainda que os indivíduos já não são vistos como rebeldes a Deus e pecadores, e sim como vítimas da sociedade, ou da baixa autoestima. Destaca-se por esse autor algo que já tem sido dito por MacArthur. Nota-se que tais pessoas necessitam é de saúde, sendo esta definida principalmente como sentimento de valor pessoal, não sendo por uma reconciliação objetiva com Deus e com o próximo. O foco delas é a busca por uma autorrealização, e não justiça e paz.

Hiebert testifica que o pecado tem adquirido esse novo significado já salientado por John MacArthur. O próprio Hiebert declara que há sim uma mudança de pecado e redenção para doença e cura, onde, de acordo com o autor, a terapia se torna uma nova teologia sobre o mal e o poder que veio a ser transferido das mãos da igreja e da comunidade para o Estado (2016, p.260).

Agora que já foi anunciado algumas conceituações para o pecado dentro do período da pós-modernidade, faz-se necessário compreender qual o ensino bíblico a respeito do pecado. É o que será apresentado em seguida.

2 - O CONCEITO BÍBLICO DE PECADO

Explora-se agora o que a Escritura tem a dizer sobre o pecado, a fim de que se possa compreender o real conceito de pecado. Ver-se-á o que a posição cristã tem a dizer sobre o assunto a fim de que se possa ter em mente o pleno distanciamento do conceito atual de pecado do verdadeiro e expresso na Bíblia.

De acordo com Charles Ryrie, o conceito Bíblico de pecado é compreendido à luz das palavras usadas nos dois testamentos para se referir ao pecado. Ele argumenta que existem pelo menos oito palavras básicas para falar de pecado no Antigo Testamento e uma dúzia no Novo Testamento. Todas essas palavras juntas são eficientes para transmitir os conceitos básicos que envolvem o ensino acerca do pecado.² Observar-se-á as categorias em que elas podem ser visualizadas, a começar pelas mencionadas no Antigo Testamento (2004, p.239).

2.1 - Termos utilizados no Antigo Testamento

Ao considerar alguns desses termos utilizados no Antigo Testamento, é possível alistá-los em categorias que reflitam uma proximidade em suas definições. Essas categorias contribuem para que se tenha um melhor entendimento acerca do conceito de pecado à luz do Antigo Testamento. Na sequência, serão explicitados alguns termos dentro dessas divisões.

2.1.1 - *Atitudes voluntariamente erradas*

Nesta primeira categoria, verifica-se as palavras que auxiliam na compreensão do conceito de pecado, sendo elas: *châtâ*³ (Êx 20.20; Jz 20.16; Pv 8.36), *shâgâh*⁴ (Is 28.7;

² É interessante o contraste que Ryrie menciona. Ele informa que quanto ao assunto da “graça” na Bíblia, nota-se que apenas três palavras são utilizadas para descrevê-la: *chen* e *chesed* no AT e *charis* no NT (RYRIE, 1993, p.239).

³ חַטָּא (A obra utilizada do Ryrie não dispõe os termos na língua original, mas apenas a sua forma transliterada. Logo, pesquisou-se os termos originais do Antigo Testamento no *Holladay Hebrew Lexicon* (Léxico Hebraico Holladay) contido no Bibleworks 10. Version 10.0.5.164. Bible Works, LLC, 2016).

⁴ שָׂגָו

Lv 4.2; Nm 15.22) e *Tâ'âh*⁵ (Nm 15.22; Sl 58.3; Is 53.6). Conforme Ryrie, essas palavras transmitem uma ideia em comum de um erro voluntário. O indivíduo que cometesse o erro era indesculpável, pois tinha a obrigação de saber o que a lei dizia. Essa infração era tida como deliberada, não acidental. O termo *châtâ'*, por exemplo, pode ser traduzido pelo significado básico de errar o alvo, mas não no sentido de um acidente, pois o errar o alvo envolve acertar outro lugar. O pecado aqui consiste no fato de que o que foi acertado é um lugar errado (RYRIE, 2004, p.239-240). Trata-se de um pecado que é externamente visível e sensível (BAUER, 1998, p. 829)

Nota-se ainda que o termo *châtâ'* pode ser traduzido como um errar, um sair do caminho (SMICK, 1998, p.450). Já o termo *shâgâh* pode transmitir a ideia de extraviar-se, desencaminhar-se, além de ter o sentido de errar também (HAMILTON, 1998, p.1524). O que precisa ficar claro é o fato que essas palavras expressam uma atitude de pecado deliberada, ou seja, quando se há plena consciência do que se está fazendo.

2.1.2 - Culpa jurídica

Aqui se vê mais palavras importantes para transmitir a ideia de pecado. Nota-se nessa segunda categoria as palavras *'âvôn*⁶ (1 Sm 3.13; Is 53.6; Nm 15.30,31) e *'âsham*⁷ (Lv 4.13; 5.2,3). Ambas as palavras transmitem uma ideia de culpa, sendo que em *'âvôn* essa culpa é um termo intimamente relacionado com a ideia de iniquidade. Enquanto em *'âsham*, a culpa pode ser tanto proveniente de um ato intencional quanto de um ato em que não houve intenção. Além disso, trata-se de uma culpa mais especificamente perante Deus (RYRIE, 2004, p. 240).

Pode-se dizer que *'âvôn* possui basicamente três sentidos, a saber: iniquidade, culpa e castigo pela culpa. Obtém-se como explicação que esse vocábulo transmite tanto os efeitos como suas consequências, tanto os delitos como o seu castigo correspondente. Informa-se que as duas noções estão presentes, todavia, a atenção se concentra de modos

⁵ תָּעָה

⁶ עָוֹן

⁷ אָשָׁם

variados. Algumas vezes no feito que se denomina pecado. Outras vezes, no resultado do delito que por sua vez é o castigo. Podendo ainda se concentrar na situação entre o efeito e sua consequência, sendo essa classificada como culpa (SCHULTZ, 1998, p.1086). O termo *'âvôn* demarca uma má consciência, uma má intenção e, posteriormente, culmina na culpa (BAUER, 1998, p.829).

O autor deste artigo concorda com as conclusões de Ryrie quanto ao estudo das palavras do Antigo Testamento, como possuindo três ensinamentos acerca do pecado. Primeiro, o pecado pode assumir muitas formas, devido à variedade de palavras utilizadas no hebraico para se referir a ele. Contudo, todo israelita era apto para compreender a forma que seu pecado assumia. Segundo, como o pecado é aquilo que contraria uma norma, acaba por ser uma desobediência ao próprio Deus. Terceiro, a desobediência envolve tanto atitudes passivas quanto ativas em relação ao pecado. Todavia, nota-se uma ênfase particular em pecados ativos, sendo não somente um errar o alvo, mas um acertar um lugar errado (2004, p.240).

2.2 - Termos utilizados no Novo Testamento

Informa-se que o Novo Testamento, por sua vez, apropria-se de pelo menos doze palavras básicas para descrever o pecado. Este artigo não pretende examinar cada uma dessas palavras, antes serão selecionadas algumas palavras que apresentam a mesma ideia dos termos já informados no Antigo Testamento, a fim de que se perceba a coerência de ambos os testamentos quanto ao conceito de pecado.

2.2.1 *Mal moral*

Nesta categoria, nota-se termos bem relevantes para descrever o pecado. Observa-se o termo *Kakos*⁸. Essa palavra significa algo ruim. Como advérbio, algumas vezes, faz referência a mal-estar físico, ou uma doença (cf. Mc 1.32). Já como adjetivo, geralmente, indica um mal-estar moral (cf. Mt 21.41; Mc 7.21; Rm 12.17). Uma outra palavra com

⁸ *κακός*

um sentido próximo é *ponēros*⁹. Essa palavra representa o termo básico para o mal e quase sempre transmite a ideia de mal moral (cf. Mt 7.11; At 17.5; 1 Ts 5.22).

Esse termo é utilizado ainda para se referir a Satanás (cf. Mt 13.19, 38; 1 Jo 2.13,14) e aos demônios que são denominados de “espíritos malignos”. (Lc 11.26; At 19.12) (RYRIE, 2004, p. 240-241). Esse uso extremo da forma substantiva de *ponēros* é justificado pela razão desse termo apontar para a oposição à palavra ou à vontade de Deus, assim como a de Jesus, logo, pode ser empregado esse termo para se referir à antítese absoluta que é representado pelo diabo (HARDER, 2013, p.278).

2.2.2 - *Culpa jurídica*

Semelhantemente ao hebraico, no Novo Testamento também se encontra palavras que se relacionam com a ideia de culpa. Nessa segunda categoria, verifica-se o termo *enochos*¹⁰. Essa palavra significa “réu” ou “culpado”. É utilizada para alguém cujos crimes são passíveis de morte, portanto, trata-se de uma culpa jurídica (Mt 5.21,22; Mc 14.64; 1 Co 11.27).

Um outro termo que faz parte deste grupo é o *planaō*¹¹. Seu significado é “desgarrar”, com sentido de culpa (1 Pe 2.25). Nos textos bíblicos, refere-se à atitude de pessoas que podem enganar a outras, conduzindo-as pelo mau caminho (Mt 24.5,6); enganar a si mesmas (1 Jo 1.8); também se refere à atitude de satanás em conduzir o mundo para o caminho do mal (Ap 12.9; 20.3,8) (RYRIE, 2004, p. 241-242). Pode significar também “confundir”, “desencaminhar”, “fazer cambalear”. Percebe-se que ao ser traduzido por cambalear, em um contexto que envolve o uso de vinho, expressa um significado literal, todavia, também pode ser compreendido como uma sugestão de hesitação espiritual (BRAUN, 2013, p. 217).

⁹ *πονηρός*

¹⁰ *ένοχος*

¹¹ *πλανάω*

Percebe-se que embora haja palavras tanto no Antigo quanto no Novo Testamento associadas com a culpa, essas palavras não apontam para um sentimento de culpa psicológica, como entendido pelos pós-modernos.

2.2.3 - *Atitudes voluntariamente erradas*

Já nessa terceira categoria, nota-se um termo que seria o equivalente grego para o termo hebraico *châtâ*, esse sendo expresso na palavra *hamartía*¹². Ela é usada com mais frequência para falar de pecado. Há uma metáfora por trás dessa palavra que transmite a ideia de errar o alvo, mas assim como no Antigo Testamento, não se trata apenas de uma ideia de passividade, pois inclui também a ideia de atingir algo errado. Quando essa palavra é utilizada nos evangelhos, na maioria das vezes, ela estará em um contexto que trata de perdão ou salvação (cf. Mt 1.21; Jo 1.29). Sendo vista também ao longo do Novo Testamento (At 2.38; Rm 5.12; 1 Pe 2.22; Ap 1.5) (RYRIE, 2004, p. 241).

É importante destacar que o termo *hamartía*, como verificado no Novo Testamento, pode significar uma ofensa contra Deus, com uma ênfase na culpa. Esse termo pode ser utilizado de três modos: Primeiro, para se referir ao pecado como ato individual (cf. At 2.38; 1 Tm 5.22; Ap 1.5; 1 Pe 2.22; Hb 1.3). Segundo, para pecado no sentido de natureza humana hostil a Deus (cf. Jo 9.41; 1 Jo 3.5; 1 Co 15.17; Rm 3.20; Hb 4.15) e terceiro, para personificação do pecado (cf. Rm 5-7; Hb 12.1) (STÄHLIN, 2013, p.54).

2.2.4 - *Transgressão*

Nessa quarta categoria, encontra-se o termo *ánomos*¹³. Essa palavra é normalmente traduzida como “transgressão” ou “iniquidade” e termos relativos. Literalmente significa “sem lei”. Quanto a isso, relaciona-se ao violar a lei no sentido mais amplo (Mt 13.41; 24.12; 1 Tm 1.9). Do ponto de vista escatológico, refere-se ao anticristo, o denominado “iníquo” (2 Ts 2.8) (RYRIE, 2004, p.241).

¹² ἁμαρτία

¹³ ἄνομος

Pode transmitir o sentido objetivo de “que não tem lei” e o subjetivo de “que não dá atenção à lei”. Nota-se que no Novo Testamento esse termo faz referência à ausência de lei. (Rm 2.12; 1 Co 9.21; Lc 22.37; At 2.23). Essa palavra também implica juízo em alguns textos (1 Tm 1.9; 2 Pe 2.8; 2 Ts 2.8) (GUTBROD, 2013, p.726). Tem seu uso duas vezes em Romanos 2.12. Nota-se que no texto quando se diz “sem lei pecaram” está indicando uma ausência de lei que foi especificamente revelada, com a “lei” do Sinai. No mesmo texto, quando é dito “sem lei também perecerão” deve ser entendido que a ausência de “lei” não isentará o seu destino (VINE; UNGER; WHITE Jr., 2002, p.745).

Uma outra palavra com proximidade de significado é *parábasis*¹⁴ que significa “transgressor”, nota-se que mais comumente essa palavra está associada com violações específicas da lei (Rm 2.23; Gl 3.19; Hb 9.15) (RYRIE, 2004, p.241). Esse termo significa “o andar para lá e para cá”, “o pisar sobre”, “transgressão”, “violação” (cf. na LXX, Sl 101.3). Percebe-se que seu uso no Novo Testamento se refere ao pecado em relação à lei. Informa-se que nesse sentido, esse pecado só ocorre em contexto de lei. Por exemplo, é dito que entre Adão e Moisés há pecado, todavia, não é utilizado o termo *parábasis*, em virtude da lei ainda não ter sido dada (SCHNEIDER, 2013, p.123).

2.2.5 – Engano

Na quinta e última categoria, observa-se a palavra *hypókrisis*¹⁵. Essa palavra transmite três ideias, a saber: Primeiro, “interpretar falsamente”, como faria um oráculo. Segundo, “fingir”, como faria um ator e terceiro, “seguir uma interpretação” que fosse reconhecidamente falsa. É visto que os hipócritas inicialmente enganam a si mesmos e fazem o que é errado. Depois, enganam outros. Nisso é visto a natureza terrível do pecado (RYRIE, 2004, p.242).

Verifica-se o uso desse termo nas cartas pastorais de Paulo, podendo ser exemplificado no texto de 1 Timóteo 4.2, onde o termo significa malfeitor ou apóstata. Nesse texto, refere-se aos falsos mestres que são tidos por enganosos, uma vez que contradizem a verdade de Deus (cf. 6.5; 2 Tm 3.8) (WILCKENS, 2013, p.636). Pode-se

¹⁴ παράβασις

¹⁵ ὑπόκρισις

dizer ainda que essa palavra significa principalmente “réplica, resposta” e “representação”, sendo essa ideia proveniente de um contexto, onde os atores falavam em diálogo, ou seja, com fingimento e hipocrisia (VINE; UNGER; WHITE Jr., 2002, p.691).

Essas são algumas das palavras que o Novo Testamento utiliza para descrever o pecado. Com base nisso, torna-se possível endossar as conclusões que Ryrie apresenta sobre o estudo dessas palavras no Novo Testamento, especialmente em três ênfases feitas pelo autor: Primeiro, sempre existe um padrão claro contra o qual o pecado é cometido. Segundo, no final das contas, o pecado é uma rebelião contra Deus e uma transgressão de seus padrões. Terceiro, o mal pode assumir muitas formas. Quarto, a responsabilidade do homem é entendida de forma clara e definitiva (2004, p.242).

Faz-se necessário dizer que esse artigo não fez uma pesquisa exaustiva em todos os termos em ambos os testamentos, contudo, isso não desqualifica o valor das descobertas e já fundamenta a proposta de discussão do assunto. Na sequência, ver-se-á como é possível anunciar o conceito bíblico do pecado para um público pós-moderno.

3 - PREGANDO SOBRE O PECADO AO HOMEM PÓS-MODERNO

O pecado não é algo fácil de ser anunciado em uma cultura que tem desprezado a Deus. Isso é algo que todo aquele que se propõe a falar sobre as verdades bíblicas deve saber. Para alguns cristãos, principalmente aqueles que cresceram no âmbito da igreja, pode parecer simples certos conceitos bíblicos como pecado e redenção, todavia, para todos os demais que não se enquadram nesse mesmo contexto, essa tarefa poderá ser muito difícil, especialmente sob influência de uma cultura pós-moderna, onde os absolutos são colocados à prova o tempo todo. É necessário que se conheça essas dificuldades antes de tudo.

3.1 - Dificuldades de falar sobre o pecado

Há grandes dificuldades em se falar contra o pecado. Todavia, essas dificuldades precisam ser reconhecidas e vencidas. Na sequência, ver-se-á o que alguns teóricos apresentam como barreiras quando se deseja falar sobre o assunto do pecado com os indivíduos pós-modernos.

3.1.1 - O pecado é um tema desagradável

Erickson informa que o pecado, assim como a morte, não é um assunto agradável de se falar. É visto que os indivíduos não gostam de pensar que são pessoas más e perversas. Embora, seja exatamente isso que a doutrina do pecado tenha a informá-los. Explica-se que a própria sociedade atual enfatiza uma atitude mental positiva e isso faz com que o assunto do pecado seja visto como uma tremenda ofensa às pessoas (2015, p.546).

Nota-se que para o público atual esse assunto é uma grande ofensa. As pessoas comentam cada vez mais sobre a arrogância dos cristãos em defender a posição cristã que aponta para um único problema universal, denominado pecado, e como eles conseguem ser ainda piores ao declarar também que há somente uma solução para esse dilema. Para esse público, os cristãos não passam de indivíduos intolerantes e insolentes. Tais pessoas mencionam que os cristãos podem crer no que quiser, desde que se limitem ao campo privado e não tentem impor suas crenças a elas (NYQUIST, 2015, p.187).

O pecado é um assunto desagradável porque o mundo pós-moderno é dominado pela terapia. Nota-se que as categorias como pecado são rejeitadas por serem reconhecidas como opressivas e até prejudiciais à autoestima. Em prol da ideia do “sinta-se bem” é dispensado partes bíblicas que são identificadas como negativas, quando não a Bíblia por inteiro. O que se percebe é que não há interesse em saber se são de fato salvos ou perdidos, e sim se estão bem consigo mesmos (MOHLER, 2011, p.131-132).

3.1.2 - O pecado é um conceito estranho para muita gente

Uma outra dificuldade que torna difícil falar sobre o pecado no século XXI é em virtude do pecado ser um conceito estranho para muita gente. Os problemas da sociedade são atribuídos a um ambiente corrupto e não a seres humanos pecadores. Em certos círculos o sentimento de culpa objetivo tem se esvaído e isso é um reflexo cada vez mais evidente de uma ausência de referência transcendente e teísta. O ser humano passa a ser responsável somente perante si mesmo e dos demais indivíduos, não considerando que deva responsabilidade a ninguém mais. Logo, eles concluem que determinada ação não é prejudicial para outros seres humanos, não há razão para sentimento de culpa (MENNINGER *apud* ERICKSON, 2015, p.546).

Sobre isso, John MacArthur acrescenta que a cultura atual declarou guerra contra a culpa. Ele informa que o próprio conceito de culpa é tido por algo medieval, obsoleto e inútil. MacArthur explica que, de modo geral, pessoas que sofrem com sentimento de culpa recorrem a um terapeuta que irá auxiliá-las a melhorar a sua autoimagem. Isso tudo porque ninguém deve sentir-se culpado. MacArthur apresenta o estado caótico dos tempos atuais, onde a culpa é desprezada porque não conduz à dignidade, muito menos se ajusta com a autoestima. O autor diz ainda que essa sociedade encoraja o pecado, todavia, não tolera a culpa que o pecado produz (2002, p.17).

3.1.3 - O pecado é um conceito incompreendido em sua essência

Erickson declara que as pessoas não conseguem compreender o pecado como sendo uma força interior, uma condição inerente ou um poder que exerce um controle sobre o homem. Elas são mais tendenciosas a pensar em pecados que para elas são atos individuais errados. É dito que atualmente há pessoas que compreendem pecados, no plural mesmo, como sendo ações externas e concretas. De acordo com Erickson, tais pessoas pensam que indivíduos que não fazem nada de errado, ou seja, que não cometem nenhum ato externo que seria classificado como errado, são pessoas boas (2015, p.546). Conforme descrito, a essência do pecado é a desobediência a Deus. É difícil para o descrente compreender que há uma força interior a ele mesmo que é inclinada a desobediência a Deus. Essa é de fato uma dificuldade para o descrente que só pode ser transposta por uma ação do Espírito Santo.

3.2 - A importância de falar sobre o pecado

O autor John MacArthur (2012) apresenta a importância de se falar sobre o pecado durante o evangelismo a fim de que haja fidelidade as boas novas de Cristo. Então, quanto à pregação do pecado aos pós-modernos, deve-se atentar para duas coisas principais.

3.2.1 - Deve-se mostrar que eles são pecadores

MacArthur afirma que o significado do evangelho é boas novas e enfatiza que o que torna as boas novas de Cristo realmente boas não é somente a mensagem que o céu é de graça, mas também a informação que o pecado foi vencido pelo filho de Deus. Ele

informa que a salvação é oferecida como meio de escapar do castigo eterno e como caminho para viver uma vida plena com Cristo. Essas promessas são todas verdadeiras, todavia, estão contidas na redenção, não sendo elas a questão principal. MacArthur alerta que quando o pecado não é um assunto tratado, todas as maravilhosas promessas de bênçãos divinas terminam por baratearem a mensagem.

O autor argumenta que na Bíblia, muitas vezes, o evangelismo é iniciado com uma mensagem de arrependimento e obediência. (cf. Mc 1.15; Rm 10.9; At 2.38; Jo 3.36; Hb 5.9; Tg 4.7-8). Ele argumenta que caso se deseje seguir o modelo apresentado nas Escrituras, não será possível ignorar o pecado, a justiça e o juízo, pois essas são questões sobre as quais o Espírito Santo convence os perdidos (cf. Jo 16.8).

MacArthur declara que é questionável a salvação de indivíduos que não acreditam que são pecadores. Ele testifica com as próprias palavras de Jesus mencionadas em Marcos 2.17, em que ele declara que não veio chamar justos, e sim pecadores. Além do mais, ele entende que o oferecimento da salvação a indivíduos que não compreendem a gravidade do pecado implica no cumprimento do que havia sido anunciado pelo profeta Jeremias quanto à cura superficial da ferida do povo, anunciado paz e paz, quando ela não existia (cf. Jr 6.14) (2012, p.173-174).

Há informações essenciais que devem ser transmitidas aos pecadores. Eles precisam saber que o pecado os impossibilita de ter paz (cf. Is 57.20). Isso é tanto resultado do pecado deles, como também é pelo fato de viverem uma vida que está distante de Deus (cf. Ef 4.18). Eles precisam saber que todos estão debaixo da mesma sentença, pois todos pecaram. (cf. Rm 3.10-11). Essa sentença traz consigo a penalidade que é a morte (cf. Tg 1.15; Rm 6.23 a). Diante dessa triste situação do homem, é necessário ainda informá-lo que não há nada que ele possa fazer por si mesmo a fim de obter a salvação. (Is 64.6; Rm 3.20; Gl 2.16) (MACARTHUR, 2012, p.175). Mas isso não é tudo o que os pós-modernos precisam saber. Há ainda algo muito importante a ser dito a esse público.

3.2.2 - Deve-se apresentar quem é a solução para o pecado

Tudo o que foi salientado por MacArthur anteriormente deve ser transmitido a este público pós-moderno, pois eles precisam compreender sobre o sentido real do pecado e como isso é alarmante para suas vidas. Contudo, mais do que saber sobre a doença em

que se encontram, eles precisam também ouvir sobre a cura, ou melhor dizendo, sobre quem é a cura para o seu mal com o pecado.

MacArthur traz à tona novamente o sentido do evangelho, como a boa nova sobre Jesus Cristo e *o que ele fez pelos pecadores* (grifo meu). Ele diz que embora o chamado ao arrependimento seja um elemento importante na apresentação do evangelho, o arrependimento

não é a mensagem do evangelho. O autor informa que a mensagem do evangelho é o anúncio de como Deus fez a ponte entre os homens, seres pecadores, e si mesmo, o ser santo, por intermédio da pessoa e obra de Cristo.

É preciso que o pecador ouça sobre Jesus e saiba que ele é o próprio Deus (cf. Jo 1.1-3, 14; Cl 2.9) e Senhor de todos e de tudo o que existe (cf. Ap 17.14; Fp.2.8-9; At 10.36). Jesus é o Deus que se fez homem (cf. Fp 2.6-7), mas que diferente de todos os demais homens, ele era totalmente puro e sem qualquer marca de pecado (Hb 4.15; 1 Pe 2.22; 1 Jo 3.5). MacArthur informa que os homens pecadores precisam saber sobre o que Jesus fez para com os indivíduos pecadores iguais a eles mesmos. Percebe-se que o que Jesus é, sem dúvida, é muito importante. Todavia, é igualmente relevante para os homens saber o que Jesus fez por eles.

O que Jesus fez foi tornar a si mesmo um sacrifício pelos pecados dos homens (2 Co 5.21; Tt 2.14). Ele derramou o seu próprio sangue com o propósito de expiar os pecados dos homens (cf. Ef 1.7-9; Ap 1.5), sendo essa a forma de tornar possível a redenção aos seres humanos, libertando-os de seus pecados. O significado da morte de Jesus na cruz é muito relevante para o público de toda época, inclusive a de hoje. Jesus por meio de sua morte proveu o caminho de salvação para os pecadores. (1 Pe 2.24; Cl 1.20).

Além de tudo mencionado, o pecador também precisa saber o que Deus exige deles. Deus requer não somente que eles confiem em Jesus, mas também que sigam a Jesus, deixando para trás tudo o mais que confiavam, tendo a Jesus como Senhor e Salvador de suas vidas. MacArthur diz ainda que no centro do evangelho está o chamado para que as pessoas deixem a vida como escravos do pecado para se tornarem dali em

diante servos, que também significa escravos, mas agora, com uma grande diferença, escravos de Deus¹⁶ (MACARTHUR, 2012, p. 177-178).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho procurou explorar um conceito bíblico que tem sido atingido nesse período: o conceito do pecado. Buscou-se saber como esse público pós-moderno entende o pecado. Os resultados dessa pesquisa apontam para a compreensão do pecado de três formas: como culpa, referindo-se a um sentimento psicológico; como algo pertinente a uma cultura; e como uma doença.

Todavia, não é esse o sentido do pecado, conforme ensinado pelas Sagradas Escrituras, considerando os termos selecionados e examinados neste artigo. O pecado pode até significar culpa, mas uma culpa que vai muito além de um simples sentimento de culpa. Vale ressaltar que não deve ser excluído o referente dessa culpa, que é o próprio Deus. Toda culpa é uma transgressão ao Deus santo. Essa é uma informação essencial que não vem sendo associada com o pecado, quando observado do ponto de vista do público pós-moderno. Nota-se que o pecado não deve ser entendido como um sentimento de culpa, em outras palavras, o pecado não é uma culpa psicológica, antes é uma culpa jurídica, isto é, uma culpa real por uma desobediência cometida contra um Deus santo.

O pecado também não deve ser tratado como algo de uma cultura, pois isso seria o equivalente a relativizá-lo, sendo que a pós-modernidade já é caracterizada por ter aderido totalmente ao relativismo. Nota-se mais uma vez que esse novo conceito dos dias atuais vai de encontro com o significado bíblico para o termo. O pecado não é relativo porque ele é uma ação contra um Deus absoluto. A Bíblia não ensina em lugar algum que o que era pecado para um grupo de cristãos não o era para um outro grupo também formado por cristãos. Conclui-se que o pecado não pode ser relativo. O pecado não é cultural!

Descobriu-se ainda que o pecado é reconhecido como doença. Isso tem implicações muito problemáticas, uma vez que isenta completamente o réu por alegar que

¹⁶ A palavra grega δούλος pode ser traduzida por servo ou por escravo. O autor quis enfatizar ambos os termos.

ele se encontrava afetado por alguma enfermidade no momento em que executava o seu erro. Este autor já viu jornais nacionais conferir o status de doença a pedofilia, ou seja, apontando para a necessidade de compreensão e tratamento, ao invés de juízo. Percebe-se que o pecado na Bíblia poderia ocasionar enfermidades, mas isso não era uma regra geral. A Bíblia não ensina que os homens pecam por estarem doentes, embora haja uma influência da natureza caída. Adão e Eva não pecaram porque estavam doentes. Eles pecaram porque quiseram pecar, como foi analisado, o pecado bíblico pode ser expresso por uma atitude voluntária ao pecado.

Com base nesses fatores, o conceito de pecado proposto pelos pós-modernos deve ser criticado e corrigido à luz das Sagradas Escrituras. Isso tem um propósito prático. Como falar de salvação sem que seja apresentado o estado em pecado de tais pessoas? Como elas entenderão o pecado bíblico se ainda estiverem confusas com relação a esse termo que tem sido propagado nos dias atuais, que apontam o pecado como culpa psicológica, como algo cultural e como doença? A única maneira de solucionar isso é através da correção do erro pela verdade.

Por isso, o conceito de pecado deve ser resgatado, tomando a Bíblia como padrão para isso. O Pecado é todo e qualquer tipo de desobediência ao que Deus já revelou para o homem em sua Sagrada Escritura. O pecado é a transgressão, é a atitude voluntariamente errada, mas pode ser resumido essencialmente em uma só palavra: desobediência, contudo, sempre tendo a referência para essa desobediência, o próprio Deus.

Os cristãos precisam entender que esses dias são marcados por uma incredulidade para com tudo e para com todos. Há um crescente ceticismo e secularismo em todas as partes do mundo. Entretanto, todo discípulo de Cristo é chamado para anunciar boas novas da salvação. Todavia, as boas notícias da salvação envolvem o pecado, logo, o pecado também deverá ser anunciado e quando isso for feito, deverá ser feito da maneira correta, respeitando o ensino bíblico concernente ao pecado.

REFERÊNCIAS:

BAUCHAM Jr. Voddie. A verdade e a supremacia de Cristo em um mundo pós-moderno. **In:** PIPER, John; TAYLOR, Justin. **A supremacia de Cristo em um mundo pós-moderno**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. v. 2. ed. 4. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

BÍBLIA. Português. **Almeida Revista e Atualizada no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRAUN, H. *planaō*. **In:** FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2010.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GUTBROD, W. *ánomos*. **In:** FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

HAMILTON, Victor. P. *shâgâh*. **In:** ARCHER Jr., Gleason; HARRIS, R. Laird; WALKTE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARDER, G. *ponēros*. **In:** FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

MACARTHUR Jr., John. **Sociedade sem pecado**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MACARTHUR, John. **Evangelismo**: compartilhando o evangelho com fidelidade. São Paulo: Fiel, 2012.

MAZZOCHI, Lucas Antônio; HACKMANN, Geraldo Luiz. **Pecado**: fragmentação do ser humano numa sociedade em mudanças, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/5807/4225/>>. Acesso em: 13 de outubro 2016.

MCGRATH, Alister. **Paixão pela verdade**: a coerência intelectual do evangelicalismo. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

MOHLER JR., R. Albert. **Deus não está em silêncio**: pregando em um mundo pós-moderno. São Paulo: Editora Fiel, 2011

MORRIS, L. Pecado, Culpa. *In*: REID, Daniel G.; HAWTHORNE, GERALD F.; MARTIN, Ralph P. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Edições Loyola, Paulus, Vida Nova, 2008.

MURRAY, J. Pecado. *In*: DOUGLAS, J.D. (Org.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006.

NYQUIST, John W. O paradoxo do evangelho: declarar justos os pecadores (Romanos 3.21-26). *In*: D. A. Carson (Org.). **A verdade**: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

PLATT, David. **Contracultura**: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia. São Paulo: Vida Nova, 2016.

RYRIE, Charles C. **Teologia básica a alcance de todos**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. **Pós-modernidade**: novos desafios à fé cristã. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2002.

SCHNEIDER, J. *Parábasis*. *In*: FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SCHULTZ, Carl. *'âvôn* In: ARCHER Jr., Gleason; HARRIS, R. Laird; WALKTE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

SMICK, Elmer B. *châtâ'*. In: ARCHER Jr., Gleason; HARRIS, R. Laird; WALKTE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

STÄHLIN, G. *hamartía* In: FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

VINE, W.E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr., William. **Dicionário VINE**: o significado exegetico e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WELLS, David. **A supremacia de Cristo em um mundo pós-moderno**. In: PIPER, John; TAYLOR, Justin. *A supremacia de Cristo em um mundo pós-moderno*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

WILCKENS, U. *hypókrisis*. In: FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

ZYGMUNT, Bauman. **Vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.